SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS PRAÇAS NO ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA-PARANÁ

SOCIO-SPATIAL SEGREGATION: THE GEOGRAPHICAL LOCATION OF SQUARES IN THE URBAN SPACE OF PONTA GROSSA-PARANÁ

SEGREGACIÓN SOCIOESPACIAL: LA UBICACIÓN GEOGRÁFICA DE LAS PLAZAS EN EL ESPACIO URBANO DE PONTA GROSSA-PARANÁ

SÉGRÉGATION SOCIOSPATIALE: LA SITUATION GEOGRAPHIQUE DES PLACES DANS L'ESPACE URBAIN DE PONTA GROSSA-PARANA

Adriana Aparecida de Andrade Cham[1]
Edson Belo Clemente de Souza[2]

1 Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). ORCID https://orcid.org/0000-0001-5422-688X. E-mail: andrade.aaa3@gmail.com.
2 Professor Associado da UEPG. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3307-0518. E-mail: ebelosouza@uepg.br.

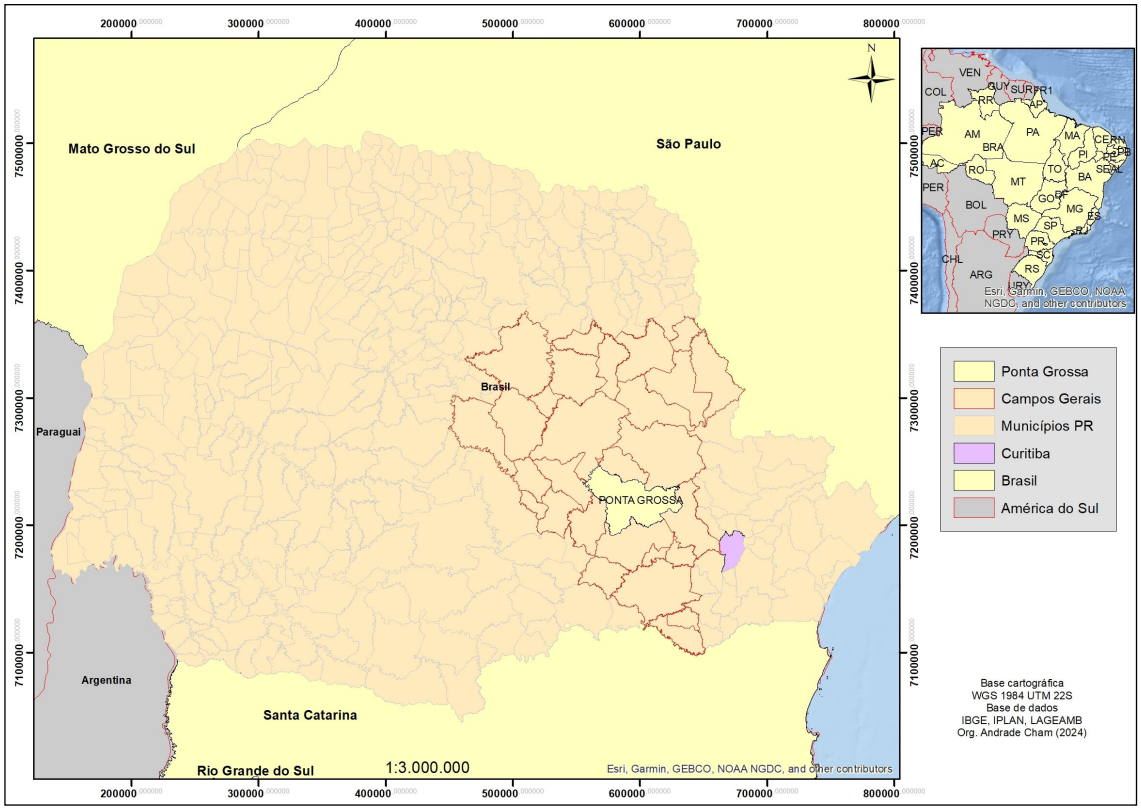
Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudos para realização da pesquisa de doutorado.

Introdução

Ponta Grossa está situado no Segundo Planalto Paranaense (Figura 1), compõe a região dos Campos Gerais, é reconhecido por suas paisagens e potencialidades naturais e turísticas, como o Parque Estadual de Vila Velha e o Parque Nacional dos Campos Gerais. O nome 'Ponta Grossa' surge em decorrência da elevação do terreno e da vegetação local que conforma sua paisagem, podendo ser avistada a longas distâncias. O surgimento de Ponta Grossa está associado ao movimento do Tropeirismo[3], parada de abastecimento e descanso de diferentes pessoas que acompanhavam as tropas, fez parte do Caminho do Viamão que iniciava no Rio Grande Sul e seguia até São Paulo.

Foi elevada à Freguesia em 15 de setembro de 1823, sua sede foi implantada no ponto mais alto do terreno onde foi construída a capela em homenagem à Senhora de Sant'Ana[4] (conhecida como catedral) ainda de madeira, construída por volta de 1830. Foi reconhecida como município em 24 de março de 1862 e em razão de sua posição geográfica estratégica que une o norte e o oeste do estado ao porto de Paranaguá, se tornou um importante polo para o Paraná (Ipardes, 2004).

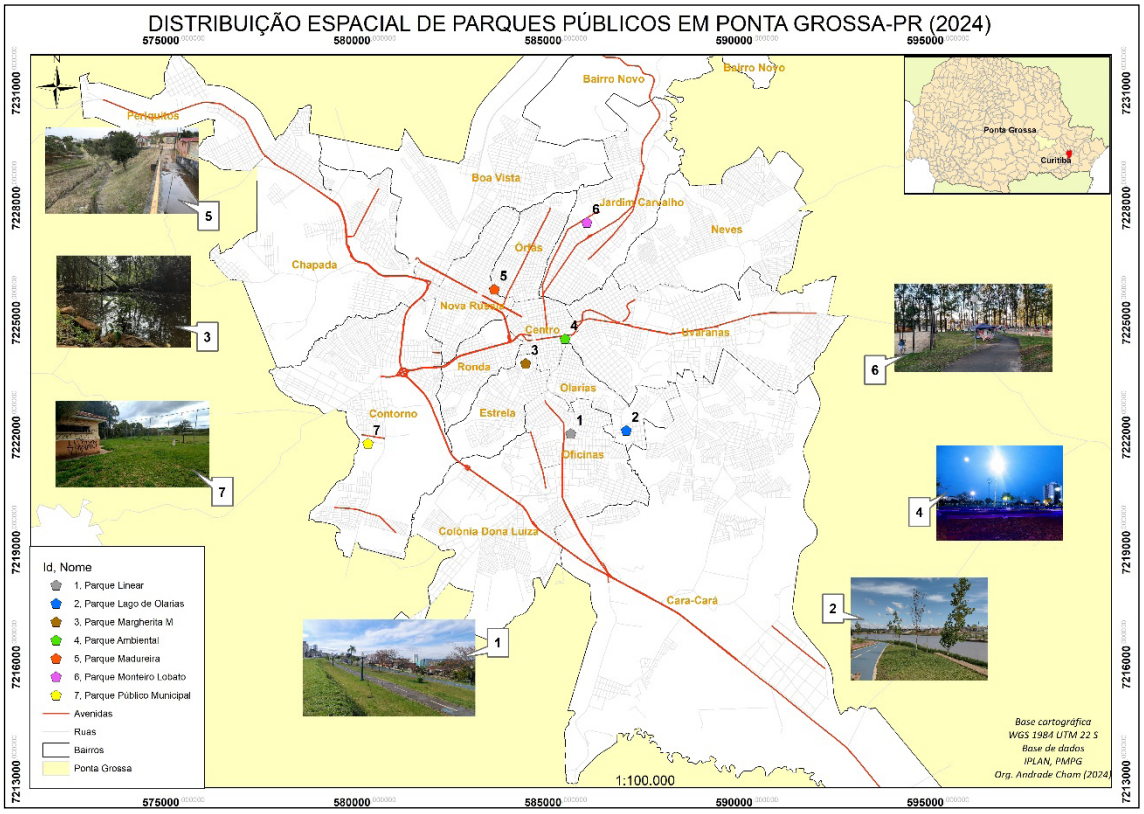
Até hoje, é um importante entroncamento rodoferroviário e localidade de grandes indústrias do ramo alimentício, com destaque nacional. No último censo, em 2022 a população de Ponta Grossa chegou a 358.367 pessoas (IBGE, 2022).



Fonte: Organização: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 1. Localização do município de Ponta Grossa-PR.

Em todo o seu perímetro, existem dezessete bairros que contam com diversos espaços públicos que compõem as sociabilidades dos moradores, entre eles, parques públicos (Figura 2) como o Parque Ambiental (bairro Centro), Lago de Olarias (bairro de Olarias), Parque Monteiro Lobato (bairro Jardim Carvalho), Parque Madureira (Nova Rússia), Parque Público (Contorno), Parque Margherita Masini (Estrela) e Parque Linear (bairro de Oficinas). Além disso, há também as praças públicas, que são 185 (cento e oitenta e cinco).



Fonte: Organização: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 2. Distribuição espacial de parques urbanos em Ponta Grossa (PR).

Sobre esses equipamentos urbanos, é possível notar diferentes usos pela população e tratamento diferenciado pelo poder público. No Parque Ambiental, localizado no Centro da cidade, é possível notar, durante todos os dias da semana, a presença de diferentes indivíduos: muitos utilizando a pista de caminhada; alguns praticando esportes; há aqueles com seus animais de estimação; nota-se a presença das crianças no parquinho sorrindo e gritando; há também aquele grupo de pessoas mais silencioso, que apenas senta nos bancos ou na grama e, aprecia sua música nos fones de ouvido ou lê um livro; há as pessoas que passam por ali apressadas, cortando caminho até o destino final. Por fim, as práticas são inúmeras.

Em outro local da cidade, no mesmo horário e no mesmo dia, é possível notar o "silêncio", escuta-se apenas o barulho de ações que ocorrem ao redor, não se ouve risos de crianças, nem conversas distintas, não há ninguém praticando esportes, raramente é possível notar passos apressados de uma ou outra pessoa que corta caminho por ali. Esse local,

diferente do Parque Ambiental, encontra-se em um bairro distante do centro urbano da cidade, trata-se da praça Felipe Chede, localizada no bairro Contorno, periferia da cidade.

Após observar outros espaços públicos da cidade que também estão em estado decadente, sem uso e sem manutenção (praças no bairro Contorno, Chapada, Boa Vista, Colônia Dona Luiza e Cara-Cará), ao mesmo tempo que é notável maior investimento em espaços públicos seletivos como Parque Ambiental e Lago de Olarias, evidencia-se o interesse em preservar alguns espaços em detrimento de outros. Em vista desse fato, este capítulo busca analisar as áreas livres públicas da cidade de Ponta Grossa-PR, principalmente as praças, sob a perspectiva do método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre, que identifica e relaciona elementos históricos das relações sociais ocorridos no espaço-tempo.

As mudanças climáticas têm efeitos distintos em diferentes áreas do mundo. Alguns lugares aquecerão mais do que os outros, alguns receberão mais chuvas e outros enfrentarão mais secas. As queimadas são impactantes desde a destruição da vegetação e do solo, como também nocivos à saúde humana e às consequentes quedas na economia.

O presente texto não contempla aspectos climáticos e de resíduos, porém traz este alerta de que as mudanças no clima urbano poderão ser um importante fator que influenciará no comportamento dos ponta-grossenses, pois essas mudanças poderão ser indutoras de novos hábitos de lazer, sob o ponto de vista do acesso aos espaços públicos.

Sobre a metodologia, para o levantamento das informações em relação ao número e ano de criação dessas praças, inicialmente foi utilizada a pesquisa bibliográfica e, em seguida, verificadas as informações, bem como atualizações através do Diário Oficial do Município e visitas em diversas praças durante os finais de semana. Para a elaboração dos mapas, foram utilizados os *shapefiles* disponíveis no site do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Ponta Grossa (IPLAN), também foram analisadas imagens de satélite através da plataforma *Google Earth.* A partir dessa base de dados foi utilizado o software *ArcGis* para elaborar mapas e cartogramas.

Nesse trabalho apresenta-se além dessa introdução, usos e conceitos de praças; como ocorre seu surgimento no Ocidente e no Brasil; em seguida, é apresentado o método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre, sua aplicação para o recorte espacial dessa pesquisa, que é dividido em três momentos: momento descritivo, em que se descreve o objeto de estudo no presente; o segundo momento é o analítico regressivo, em que há uma regressão na análise temporal do objeto de estudo; e o terceiro momento, histórico genético ou regressivo-progressivo, quando há o encontro entre passado e presente. E, por último, as considerações finais.

Praças: seu papel e usos no espaço urbano

As praças podem ser entendidas como "espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos" (Robba; Macedo, 2010, p. 17). Sendo um espaço público, de acordo com

Gomes (2002, p. 162) é "[...] antes de mais nada, o lugar, a praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa" e tratada dessa forma é, também, o "lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras de civilidade". Segundo Sousa e Oliveira (2010, p. 3) a praça é o "local de celebração da convivência e do lazer dos habitantes" e marco arquitetônico, um palco de transformações históricas e sociais, fundamental para a vida da cidade e dos cidadãos (Dizeró, 2006), bem como é parte importante do espaço urbano.

De acordo com Corrêa (2003, p. 11), o espaço urbano é "fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço" e, através das práticas sociais, há uma reorganização do espaço urbano, pois suas formas espaciais podem ser alteradas, mas este nunca deixará de ser simultaneamente fragmentado e articulado. Desse modo, as ações dos agentes modeladores do espaço possibilitam ora a valorização, ora a desvalorização de certas porções desse espaço urbano, bem como seu acesso ou restrição, como é o caso de praças.

Desse modo, um olhar geográfico sobre esses espaços deve nortear-se pela sua concretude, considerar as "práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem" (Gomes, 2002, p. 172), e também é necessário "relacionar as dimensões políticas, sociais e aspectos formais e estruturais desses espaços" (Serpa, 2004, p. 22).

O Método Regressivo-Progressivo

A fim de compreender a distribuição espacial, a história das praças da cidade de Ponta Grossa e suas funções sociais e urbanas, esse trabalho busca através do método regressivo-progressivo de Lefebvre, uma possibilidade de análise da dimensão socioespacial das praças no município desde o seu surgimento até os dias atuais.

Apesar de não ser geógrafo, Lefebvre tem papel fundamental na forma como analisamos o espaço. Muitos geógrafos renomados como Milton Santos e Ana Fani Alessandri Carlos se inspiraram em seus trabalhos para elaborar seus próprios conceitos e análises espaciais, uma das obras utilizadas que trata da relação espaço e tempo é *La production de l'espace* (A produção do espaço) publicada em 1974, mais tarde, em 2006, teve sua 4 ª edição (2000) traduzida para o português por Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Na geografia, seu reconhecimento teórico conceitual vem a partir de 1970 na corrente da Geografia Crítica. Atualmente existem vários grupos de estudos dedicados a compreender sua obra nas universidades: USP, UFRN, UFMG e UERJ. De acordo com Fernandes (2022, p. 44).

Henri Lefebvre foi um filósofo que nasceu na França em 1901, participou "ativamente dos debates que envolviam o campo político, econômico e social de seu país e do mundo de forma geral, morrendo aos 90 anos em Navarrenx, França" (Guilherme, 2017, p. 5). Foi

um crítico do urbanismo funcionalista, debateu muito o papel do Estado e as desigualdades sociais e o capitalismo. Ele desenvolveu o método regressivo-progressivo durante a elaboração de sua tese para estudar a realidade rural, possibilitando "captar a historicidade da produção do espaço, estimulando o pesquisador a identificar e relacionar analiticamente os momentos históricos das relações sociais, concepções e objetos apreensíveis em qualquer 'campo' empiricamente pesquisado" (Scheffer; Kachaukje, 2018, p. 67).

De acordo com José de Souza Martins (1996, p. 4), "o método regressivo-progressivo está referido a premissa da totalidade aberta, inconclusa, em que as superações propõem novas contradições e novas tensões, a sociedade movendo-se e transformando-se todo o tempo" , esse método baseia-se em uma análise que parte do presente para o passado, no esclarecimento de processos em curso, e apontamentos para o futuro, em que o fenômeno supera a linearidade e os fatos devem ser compreendidos enquanto "processos articulados nas mais diferentes temporalidades" (Barros, 2018, p. 113).

O método regressivo-progressivo de Lefebvre consiste em três momentos; o primeiro momento é chamado descritivo e consiste na observação, em realmente "ver" o objeto de estudo e descrevê-lo, apoiando-se em embasamentos teóricos "cabe ao pesquisador reconstituir, a partir de um olhar teoricamente informado, a diversidade das relações sociais, identificando e descrevendo o que vê. [...] Nele, o tempo de cada relação social ainda não está identificado" (Martins, 1996, p. 21).

O segundo momento é o analítico-regressivo que prevê, a partir de pesquisa documental e bibliográfica em fontes primárias e secundárias, a análise da realidade considerando contradições e possibilidades e identificando a temporalidade das relações sociais que "apresentam conexões que não são contemporâneas" (Scheffer; Kachaukje, 2018, p. 68) e, como apresenta Martins (1996, p. 21):

> Por meio dele mergulhamos na complexidade vertical da vida social, a da coexistência de relações sociais que tem datas desiguais. Nele a realidade é analisada, decomposta. [...] O que num primeiro momento parecia simultâneo e contemporâneo é descoberto agora como remanescente de época específica. De modo que no vivido se faz de fato a combinação prática de coisas, relações e concepções que de fato não são contemporâneas [...].

O último momento chama-se histórico genético ou regressivo-progressivo. Nele, cabe ao pesquisador fazer o reencontro do presente com o passado de forma clara e explicativa.

> Nesse momento regressivo-progressivo é possível descobrir que as contradições sociais são históricas e não se reduzem a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais. Ao contrário, na concepção lefebvriana de contradição, os desencontros são também desencontros de tempos e, portanto, de possibilidades (Martins, 1996, p. 22).

Sendo assim, o método regressivo-progressivo de Lefebvre permite associar presente e passado e encontrar ou não contradições sobre o objeto através do tempo e espaço. De acordo com Scheffer e Kachaukje (2018, p. 68)

> O potencial do método para desvendar empírica e teoricamente o objeto de pesquisa consiste em uma base de orientação teórico-metodológica, pois busca encontrar não somente a coexistência de relações sociais, que tem datas diferenciadas, mas também as possibilidades de modificação do problema investigado. Estudam-se as particularidades do presente a partir dos legados do passado, assim como indicam-se características futuras. Desse modo, o conhecimento vai sendo construído sob um rol de informações interligadas, em que o real existe num movimento ininterrupto que vincula passado, presente e futuro.

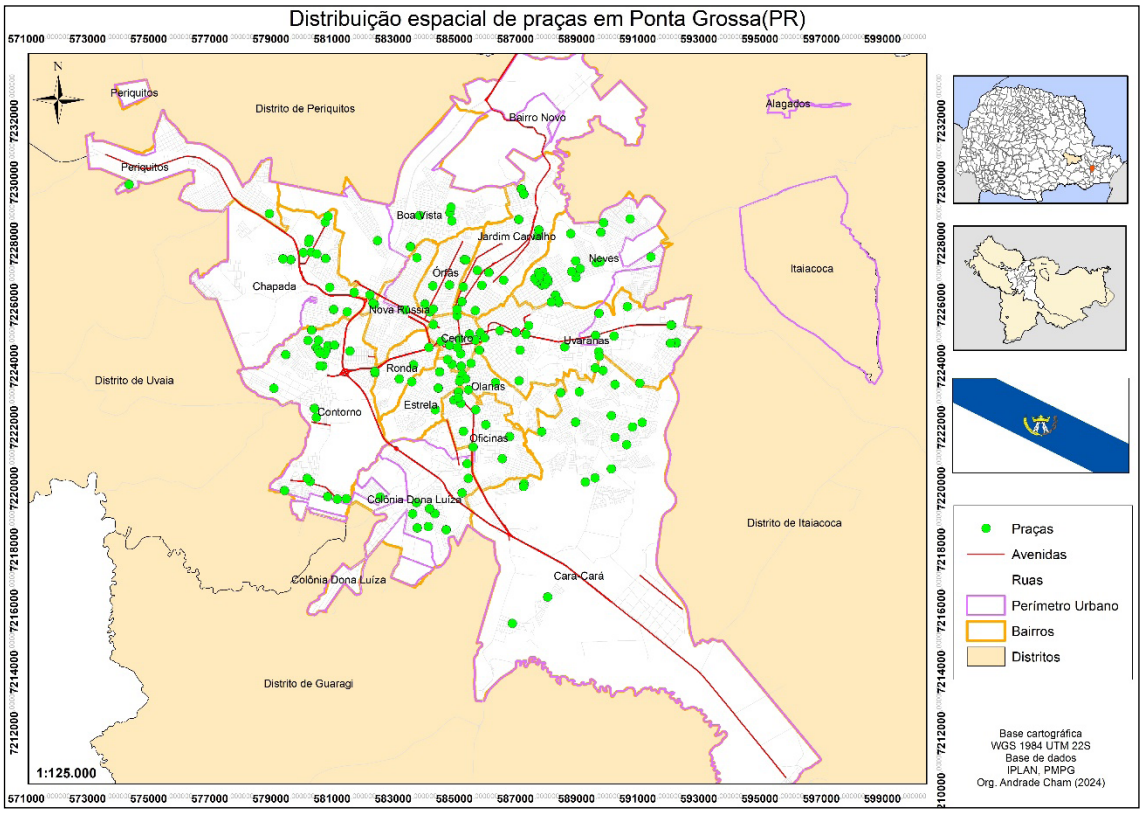
A utilização dos conceitos de Lefebvre se justifica, pois, é indiscutível a atualidade de suas propostas e também porque sua teoria permite estudos locais em diversas escalas, pois, tudo que se passa nos lugares e modifica suas localidades inscreve-se no espaço. Sendo assim, busca-se através da análise regressiva-progressiva não uma fórmula, um modelo abstrato de aplicação ao fenômeno, mas sim apoderar-se da potencialidade desses conceitos para analisar o fenômeno estudado. A seguir apresenta-se a aplicação do método na análise socioespacial das praças da cidade de Ponta Grossa/PR.

Primeiro momento descritivo: as praças de Ponta Grossa em 2024

Nesse primeiro momento, foram realizadas incursões por praças em diferentes bairros da cidade sem um foco de análise específico, como o próprio método sugere. As praças e suas características físicas e sociais foram "vistas" e, em um diário de campo, foram anotadas informações que chamavam atenção, como será apresentado no decorrer do texto, bem como foram tiradas algumas fotografias.

As áreas livres e espaços públicos, dentre eles as praças, e sua distribuição constam como objetivos no Plano Diretor de Ponta Grossa, que teve sua última revisão no ano de 2022. Este plano visa "promover a distribuição dos equipamentos urbanos e comunitários, dos espaços livres de uso público e das áreas verdes, de forma a atender à população residente em todas as áreas do Município" (Ponta Grossa, 2022, p. 3). A partir disso, notou-se que alguns desses locais são mais equipados, possuem melhores estruturas que outros e existe maior movimentação de pessoas. Inicialmente, especula-se que vários fatores podem estar associados à variação de frequência dos moradores a esses locais, como por exemplo a criação de locais de lazer e comércio como os shoppings, os parques urbanos (Parque Ambiental, Parque Linear, Parque do Monteiro e Lago de Olarias), a sensação de falta de segurança ou até mesmo pouca atratividade.

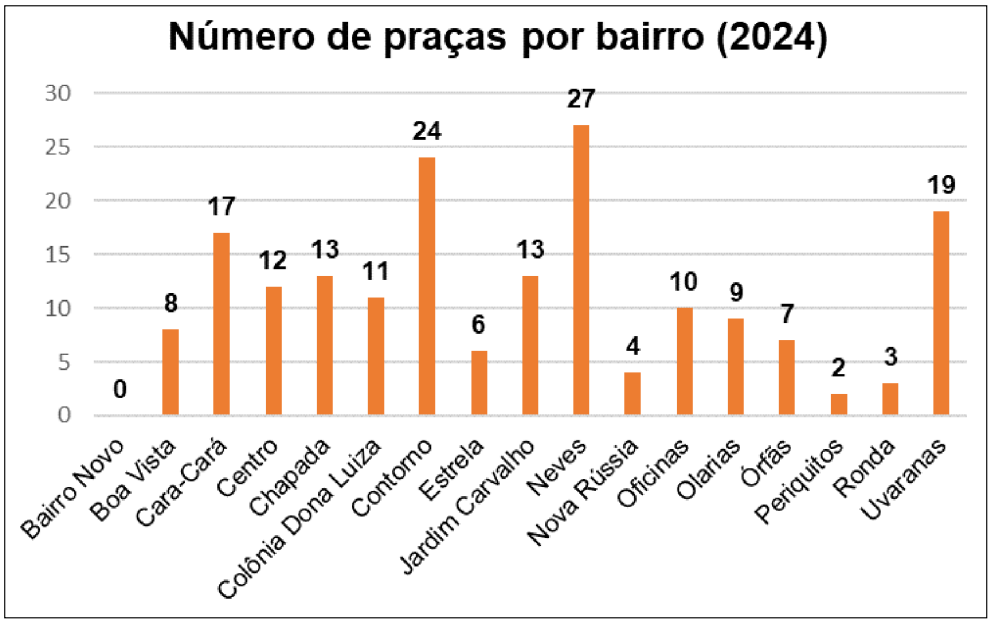
No perímetro urbano de Ponta Grossa, no ano de 2024, existem ao todo 185 (cento e oitenta e cinco) praças de diferentes tamanhos e formas, algumas mais preservadas e equipadas que outras. A Figura 3 apresenta a distribuição das praças no município.



Fonte: Eurich (2018); Diário Oficial do Município de Ponta Grossa (2024). Org. Adriana Ap.de Andrade Cham (2024).

Figura 3. Distribuição espacial de praças em Ponta Grossa-PR.

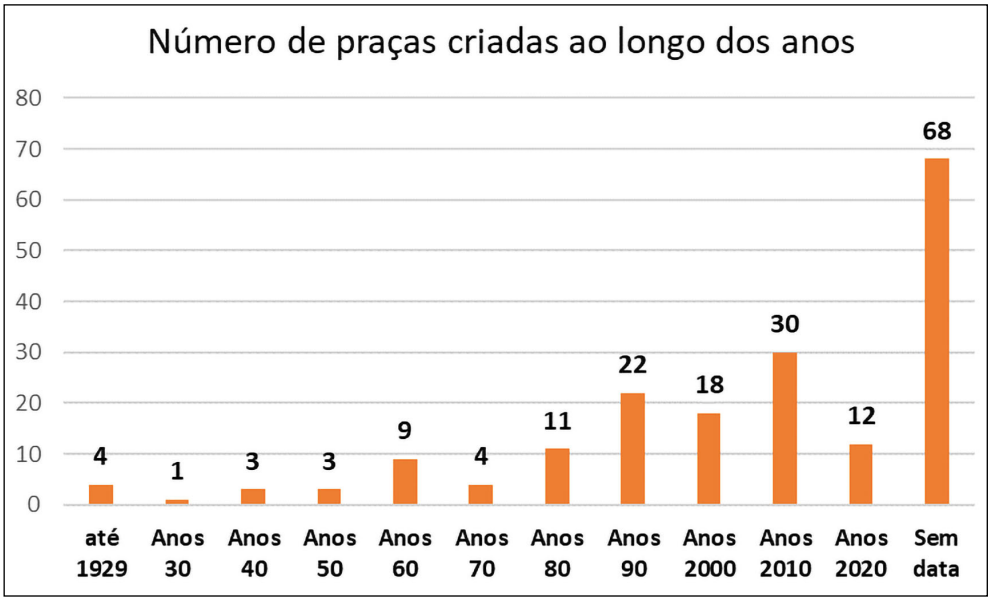
O bairro com o maior número de praças é o Neves, com vinte e sete; o bairro com o menor número é o Bairro Novo com zero, a ausência é justificada pelo fato desse bairro ter sido criado em 2022 e ser um local ainda sem residências, contando apenas com empresas como a DAF Caminhões, a Frísia, e a Maltaria Campos Gerais. Na Figura 4, é possível notar que mesmo bairros extensos como o Boa Vista (8 praças) e o Colônia Dona Luiza (11 praças) tem menor número de praças que bairros menores como o Centro (12 praças). Percebe-se um forte aglomerado de praças ao entorno do Centro. O número total de praças em cada bairro está demonstrado na Figura 4.



Fonte: Diário Oficial do Município de Ponta Grossa (2024). Org. Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 4. Gráfico de número de praças em Ponta Grossa (2024).

Sobre as datas de criação das praças no município de Ponta Grossa chama atenção o número de praças sem informação sobre sua criação e também sem decreto ou lei, como é possível observar na Figura 5. A década de 2010 foi a década com maior número de criação de praças total de 30, já a década de 30 foi a década com menor número, apenas uma.



Fonte: Diário Oficial do Município de Ponta Grossa (2024). Org.: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 5: Criação de praças em Ponta Grossa (1929-2024).

Em relação ao fator centro/periferia, é possível notar que as praças localizadas no bairro Centro são mais arborizadas, possuem diversos equipamentos como parque infantil, academia ao ar livre, pista de caminhada, sanitários, bancos, gramado e calçadas, várias estão ligadas às igrejas, há grande movimento e circulação de pessoas durante todos os dias da semana e existem câmeras de segurança que monitoram todo o perímetro. Nessas praças, também acontecem várias atividades culturais e socioeconômicas muitas vezes promovidas pelo poder público local e parceiros, cita-se peças de teatro do Festival Nacional de Teatro (FENATA), apresentações musicais do Projeto Sexta às Seis, Feira de Artesanato, Feira da Uva e outras feiras típicas e de estações, e, mais recentemente, em 2022 e 2023, algumas praças receberam as atividades do Natal Encantado com montagem de som e luzes, casa do papai Noel, contação de histórias e apresentações musicais[5].

As praças dos bairros periféricos, em sua maioria, só dispõem de parque infantil e academia ao ar livre, muitos equipamentos danificados e muitas das praças sem bancos e, até mesmo, sem placa de identificação. Diferentemente das praças do Centro, as praças dos bairros geralmente ficam próximas às escolas ou CMEI, há também pequenos comércios como bares e mercearias. Nessas praças, é possível notar o descaso (Figura 6) do poder público em promover espaços de lazer para os moradores. De acordo com Gomes (2012, p. 20) o Estado, enquanto poder público, tem a obrigação de "assegurar as praças públicas, entre outros espaços públicos da cidade, sejam providos em quantidade e qualidade suficientes e uma distribuição condizente com as necessidades ambientais e sociais locais". A seguir, apresenta-se o segundo momento do método regressivo-progressivo.

Fonte: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 6. Compilado de imagens de praças de Ponta Grossa.

Segundo momento, o "analítico-regressivo": a expansão urbana e as praças em Ponta Grossa

A sua história e desenvolvimento urbano pode ser contada, de acordo com Sahr (2001) através de seis fases.

A primeira fase diz respeito ao período anterior ao ano de 1920. Nessa fase há a construção de casas e comércios de pessoas mais ricas circundando o largo da igreja, já para as pessoas com menor poder aquisitivo sobravam os terrenos com maior declividade (Chamma, 1988). Já haviam várias atividades comerciais sendo realizadas próximas à Igreja, revelando-se no decorrer dos anos como destino de chegada e morada de pessoas de diferentes regiões do país e do mundo, atraindo tanto as pessoas que buscavam investir, como também atrai pessoas em busca de oportunidades de emprego (Nascimento, 2011). Sobre seu aspecto urbano é possível afirmar

Desde a década de 1850, Ponta Grossa exibe certas características urbanas que se mostram revigoradas na década de 1870: inúmeras casas comerciais onde de tudo se vendiam e que já clamavam por um Banco para facilitar as transações; havia novas profissões como advogados e médicos e oleiros (Gonçalves; Pinto, 1983, p. 31, *apud* Gomes, 2009, p. 20).

Com a instauração da ferrovia em 1896 acelerou-se ainda mais o processo de crescimento urbano de Ponta Grossa, se tornando "um grande centro comercial, cultural e social" (Ponta Grossa, 2007, p. 27). A ferrovia transformou a cidade em um grande entroncamento ferroviário e de entreposto comercial, fortalecendo a economia e ampliando a possibilidade de comércio de mercadorias, atraindo destacados fluxos de pessoas que escolheram esse local para fixar moradia (Nascimento, 2011).

A ferrovia fortaleceu, mesmo que de forma incipiente, o enfoque interno na urbanização, houve uma certa ordenação das ruas e articulações urbanas, assim como a colocação de postes nas vias centrais e melhorias estruturais próximo a casas das elites (Bohatch, 2017), nesse período já existiam em Ponta Grossa alguns estabelecimentos de alcance regional (Sahr, 2001).

De acordo com Monastirsky (2001, p. 43) a relação da ferrovia com Ponta Grossa vai além das relações trabalhistas, já que sua implantação provocou mudanças no comportamento social e cultural do ponta-grossense. Próximo à estação de passageiros (Estação Ponta Grossa) toda uma estrutura foi criada "para atender os visitantes, composta de hotéis, pensões, bares, restaurantes, lojas de varejo, além daquelas edificações destinadas às cargas, como depósitos, armazéns". Um espaço público virou ponto de encontro e sociabilidade na cidade durante esse período, a Praça João Pessoa, situada em frente à estação. Com a chegada dos trens (Linha São Paulo-Rio Grande) chegavam à cidade personagens e pessoas ilustres que chamavam a atenção da população e o local era transformado em ponto de encontro e festividade.

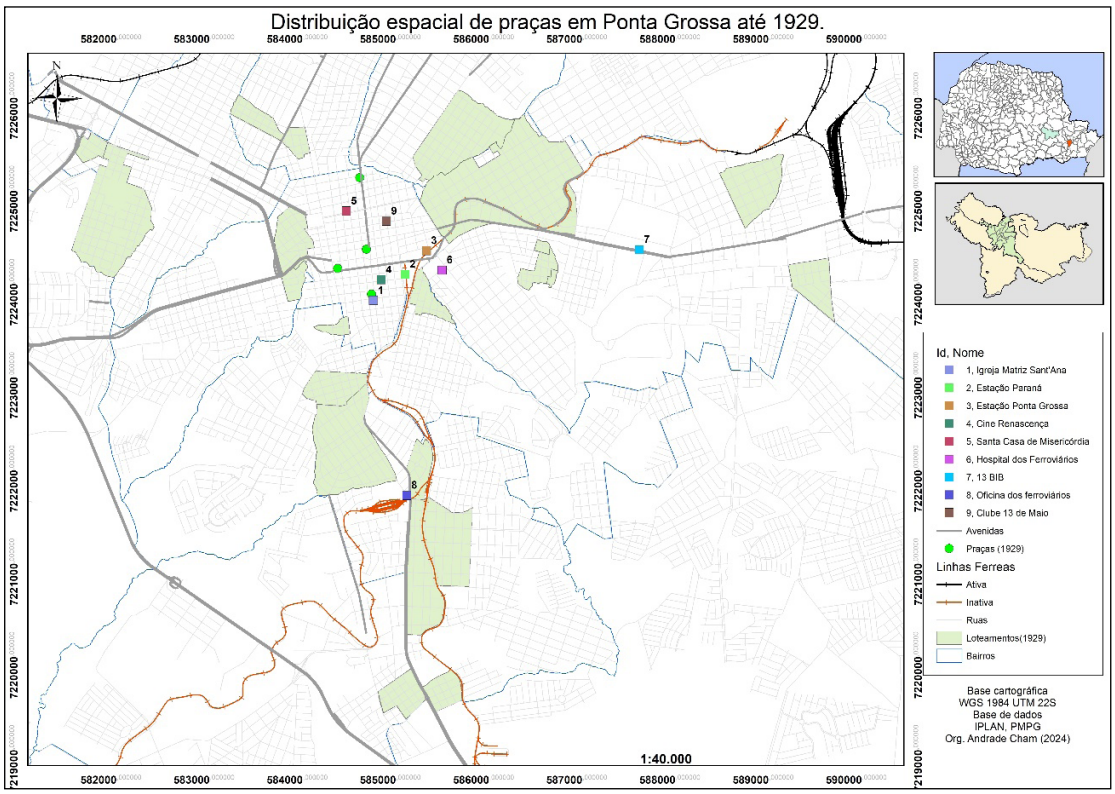
Nesse período existiam quatro praças (Figura 7)[6] que eram utilizadas nas celebrações e espaços de encontro da população: Praça Santos Andrade[7] (1900), Praça Marechal Floriano Peixoto (1908), Praça Barão de Guaraúna e Praça Barão do Rio Branco (1912), todas localizadas hoje no bairro Centro.

Fonte: Organização: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 7. Compilado de imagens das praças: Santos Andrade, Marechal Floriano Peixoto, Barão de Guaraúna e Barão do Rio Branco.

Na segunda fase (1920-1929), a ocupação e expansão da cidade ocorreu ao longo do traçado da estrada de ferro (Sahr, 2001), com loteamentos implantados na sua margem (inicia-se o crescimento de forma tentacular), dois bairros importantes para o funcionamento da ferrovia se desenvolveram – o bairro de Oficinas, onde estavam localizadas as oficinas dos ferroviários e também suas moradias, e o bairro de Uvaranas, onde ficava o antigo Hospital dos Ferroviários (conhecido como 26 de Outubro) e localização do 13º Regimento de Infantaria – 13 BIB, criado em junho de 1923 juntamente com sua banda musical que passaria a partir daí a participar de celebrações, festas e outros eventos cívicos na cidade. Além disso, a utilização de espaços culturais já existentes e a criação de novos colaboraram para a transformação do modelo ruralista para um sentido mais moderno da cidade de Ponta Grossa (Gomes, 2009).

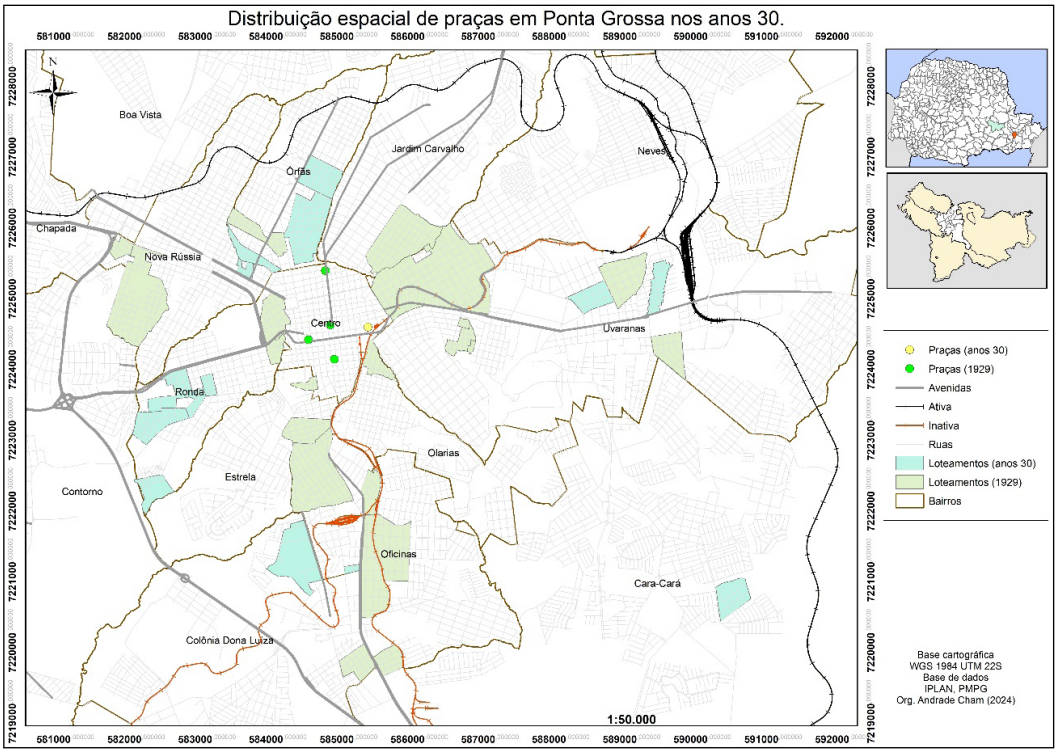
Nessa segunda fase de expansão, não há a criação de praças. A Figura 8 apresenta a localização dos novos loteamentos e as praças existentes, nota-se que as atividades de lazer ainda se concentravam nos equipamentos culturais existentes no Centro.



Fonte: Organização: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 8. Distribuição espacial de praças em Ponta Grossa até o ano de 1929.

Já na terceira fase de expansão de Ponta Grossa (1930-1939) ocorreram diversas mudanças na estrutura da cidade, como a implantação de rodovias além da derrubada de vários prédios e construções de outros, para finalidade social e produtiva, bem como ocorre a arborização de praças e ruas (Berto, 2008). Há também a criação de loteamentos alongados: Bairro Órfãs, Nova Rússia e Ronda. Sahr (2001) afirma que nesse período esses bairros eram predominantemente residenciais, com pouquíssimos estabelecimentos de serviços e comércio. Em 1931, mais uma praça é criada no Centro, trata-se da praça João Pessoa (Figura 9).

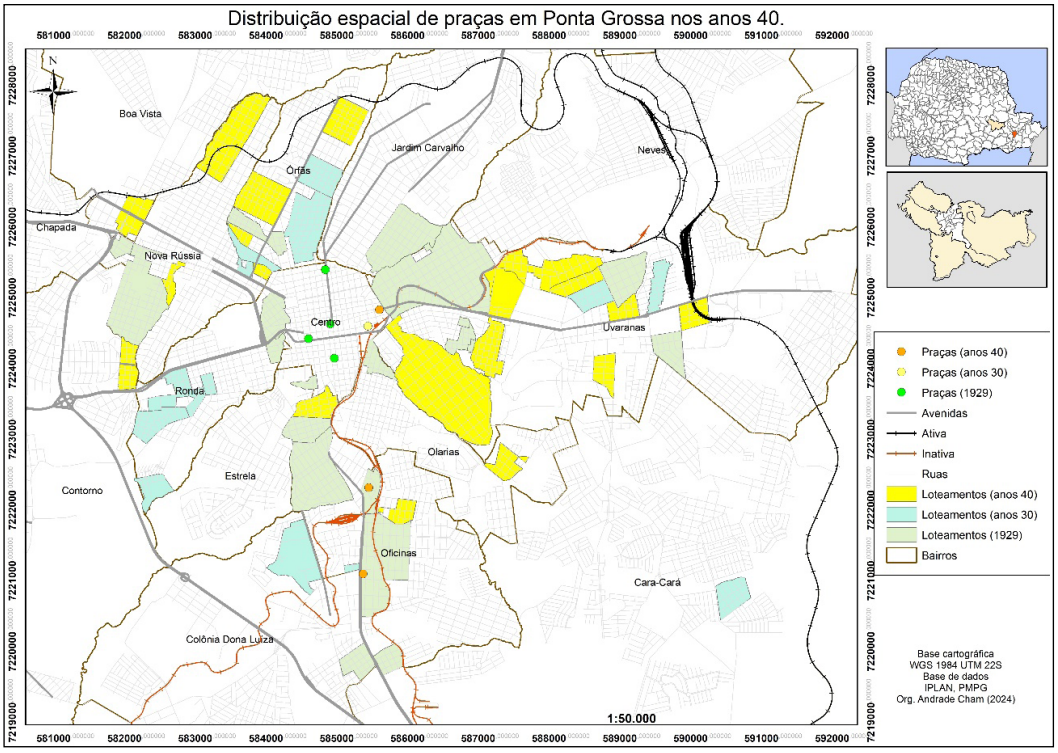


Fonte: Organização: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 9. Distribuição espacial de praças em Ponta Grossa nos anos 30.

A quarta fase (1940-1949) foi o período de maior expansão do espaço urbano da cidade de Ponta Grossa, quando ocorreu a criação de diversos loteamentos, o que "demonstra um forte processo de especulação imobiliária" (Sahr, 2001, p. 27). Nesse período houve a expansão de áreas residenciais, sobretudo, nos bairros Órfãs e Nova Rússia, este incorporando cada vez mais a instalação de estabelecimentos industriais e de comércio, destaque para a Avenida Ernesto Vilela e Avenida D. Pedro II, principais eixos de ligação entre esse bairro e o Centro tradicional.

Sahr (2001) explica que o bairro de Uvaranas foi o que mais se expandiu durante esse período e há, pela primeira vez, a ocupação de encostas. Além disso, um importante eixo da cidade começou a se desenvolver: a Avenida Carlos Cavalcanti onde, gradativamente, vão se instalando estabelecimentos em sua extensão. Scheffer e Kachaukje (2018) complementam essa informação afirmando que nesse período foram entregues seis empreendimentos residenciais: Jardim Brasil, Vila dos Ferroviários, 31 de Março, Operários do DER, Senador Flávio Carvalho Guimarães e Coronel Luiz Gonzaga Pereira da Cunha. Entretanto, a maioria das atividades econômicas ainda aconteciam no Centro, que teve seu desenvolvimento acentuado. As praças criadas (Figura 10) nesse momento foram: a Praça Duque de Caxias (1941, Centro), a Praça Guairacá e a Praça Simão Bolivar (1944, Oficinas).

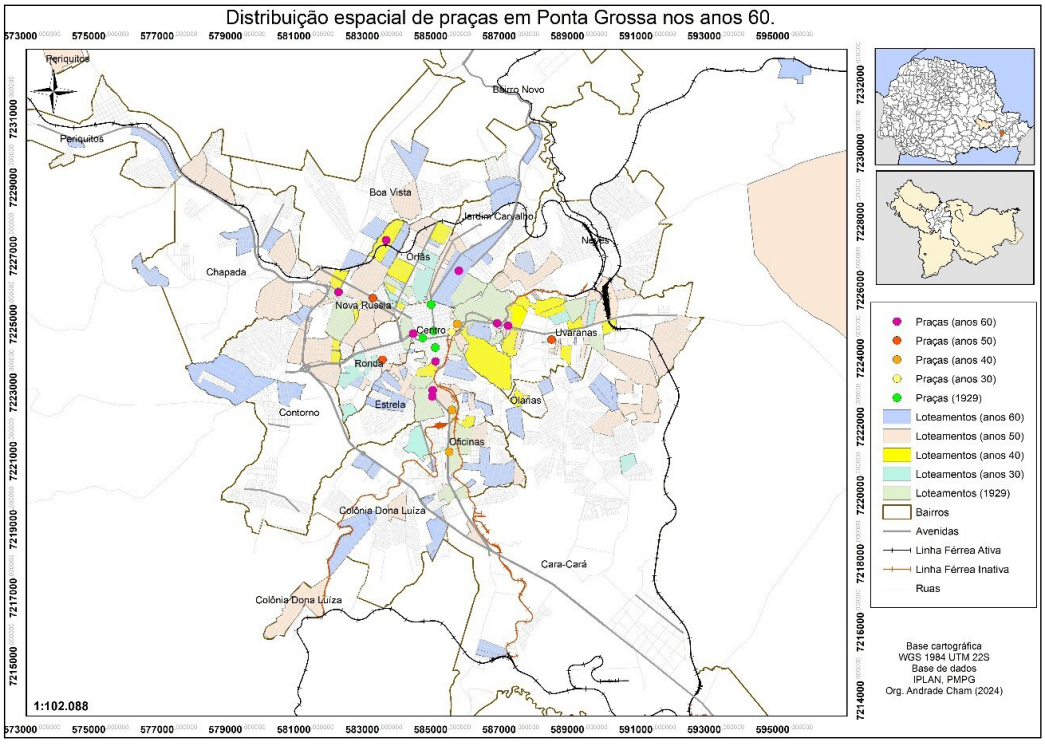


Fonte: Organização: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 10. distribuição espacial de praças em Ponta Grossa nos anos 40.

Os anos de 1950 a 1969 (quinta fase) são apontados por Sahr (2001) como o período de maior expansão em termos de área do espaço urbano ponta-grossense. A cidade cresce anarquicamente para diferentes direções, assim como houve o crescimento ao redor dos loteamentos já instalados, há o crescimento de áreas periféricas e de difícil acesso. Em vista desse crescimento desordenado, em 1967 foi criado o primeiro Plano Diretor de Ponta Grossa com intuito de ordenar o espaço urbano que crescia rapidamente. De acordo com Madalozzo e Souza (2019), os autores do plano fizeram vários apontamentos sobre a expansão urbana de Ponta Grossa, que crescia além das estruturas dispostas naquele momento, e a ausência de orientação para a ocupação urbana da cidade acarretava, entre alguns fatores, em condições de comunicação social, política e cultural precárias, além disso, Gomes (2009, p. 43) afirma que a existência do Plano Diretor foi apenas uma formalidade e cumprimento da legislação, pois as propostas de ordenamento espacial contidas no documento foram "ignoradas, levando o poder público municipal a ações setoriais, impedindo a utilização maximizada dos equipamentos urbanos" e ainda, a falta de uma legislação específica sobre a delimitação do perímetro urbano foi outro fato que ocasionou para a expansão desordenada da área urbana da cidade.

Nessa fase foram criadas onze praças (Figura 11), distribuídas entre os bairros e os loteamentos, percebe-se que a localização das praças acompanha o ordenamento espacial que se dava a partir das principais vias de acesso: Avenida Visconde de Mauá, Avenida General Carlos Cavalcanti, Ernesto Vilela e Monteiro Lobato.



Fonte: Organização: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 11. Distribuição espacial de praças nos anos 60.

Na sexta e última fase (a partir de 1970) o "parcelamento do solo urbano passou a ter um controle maior do que nas fases anteriores" (Sahr, 2001, p. 27), além disso, o poder público municipal passa a incentivar a industrialização da cidade, há a instalação do parque industrial e com essa medida "diversas indústrias, tanto de capital nacional como estrangeiro (em sua maioria ligadas ao complexo agroindustrial da soja), instalaram-se na cidade" (Nascimento, 2011, p. 78). A industrialização combinada com a modernização do setor agrícola no estado contribuiu para o crescimento populacional em Ponta Grossa. Diversas pessoas vindas do campo buscavam aqui melhores condições de vida, ocasionando no crescimento da periferia da cidade através dos núcleos habitacionais e o problema da desigualdade socioespacial se tornava relevante, "por consequência, os primeiros planos urbanísticos da cidade, assim como os demais projetos desenvolvidos pelo poder público, passaram a contemplar discussões e propostas" (Madalozzo; Souza, 2019, p. 433).

Nas décadas de 1980, 1990 e 2000 o contingente populacional de Ponta Grossa continuou crescendo, desse modo houve um aumento significativo na criação de bairros e conjuntos habitacionais, bem como o fortalecimento do processo de verticalização da cidade, além da aprovação de um novo Plano Diretor (1992) que ordenaria o espaço urbano de Ponta Grossa. Sobre os conjuntos habitacionais, Gomes (2009, p. 77) afirma:

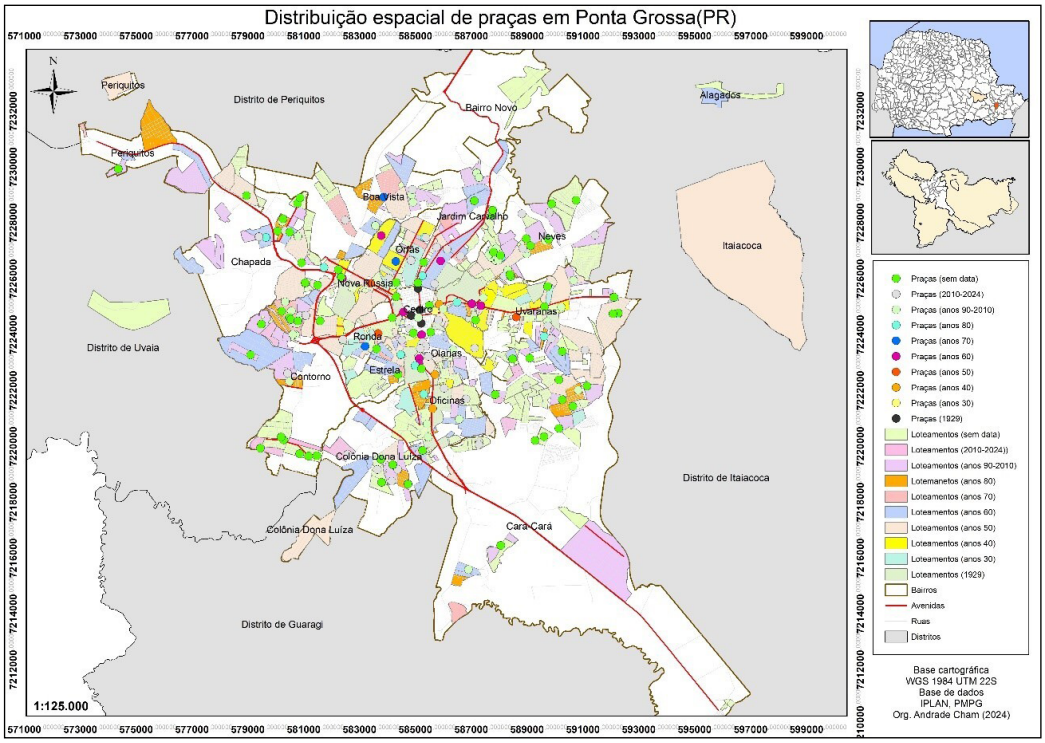
> A maioria desses conjuntos seria destinado a suprir a carência de mão-de-obra nas regiões onde o crescimento de novas atividades econômicas era expoente. Porém, essa intenção mostrou-se frustrada, quando as instituições responsáveis pelos projetos habitacionais adotaram a renda como parâmetro na venda das habitações. Esta atitude afetou diretamente o processo de inclusão-exclusão social, ao eleger aquelas famílias com renda suficientemente alta para cumprir as exigências das formas de parcelamento, na aquisição do imóvel, e deixando de atender a parcela mais carente da população. Só que essa parcela da população, com condições de cumprir as exigências das formas de pagamento, tinham predominantemente seus empregos localizados na área central e em outras regiões da cidade. Justamente onde a existência de atividades econômicas era mais densa (Gomes, 2009, p. 77).

Nesse período (anos 1980, 1990 e 2000) a cidade experimentou o desenvolvimento no setor de transportes, passou a ser apresentada como a "Cidade do Caminhão". Esse setor se fortaleceu ao redor da BR 376, Avenida Souza Naves e PR 151, com o incremento dos conjuntos habitacionais houve a ampliação do transporte coletivo. O bairro Nova Rússia se consolidou como o subcentro comportando diversas atividades comerciais e de serviços, hospitais, escolas, praças, colégios, supermercados e igrejas. O mesmo ocorreu com o bairro Oficinas que desde a implantação de diversas indústrias já demonstrava sinais de crescimento, o mesmo ocorreu com o bairro Uvaranas que em 1990 recebeu as instalações do Campus da Universidade Estadual de Ponta Grossa e em seu entorno foram construídas diversas moradias estudantis. Para o comércio foram construídos o Shopping Total no ano de 2000 no bairro Nova Rússia e o Shopping Palladium no Centro, próximo ao terminal central de transporte coletivo.

Também ocorreu a remodelação do local onde estava a linha férrea: Estação Saudade e Estação Arte. Toda região ao entorno do pátio central da estação ferroviária sofreu desvalorização (o processo da retirada dos trilhos no centro iniciou em 1980), as edificações de moradias foram no decorrer dos anos sendo substituídas por casas comerciais, assim como diversas casas de diversão noturna e bares "marcando essa zona como uma área de meretrício" (Gomes, 2009, p. 52). A revalorização dessa área ocorreu no início dos anos 90 com a implantação do terminal central de transporte urbano e também do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas em 1995, um dos mais importantes espaços públicos da cidade.

Em relação às praças, o relevante crescimento na criação delas se dá a partir de 1980, isso ocorreu em decorrência da nova Lei Federal nº 6.766/79, que previa que novos loteamentos a serem implantados deviam destinar no mínimo 35% de sua área para o uso público, podendo ser transformados em praças, parques, áreas verdes ou edifícios públicos, salvo os loteamentos de uso industrial (Eurich, 2018).

A Figura 12 apresenta a distribuição espacial dos loteamentos e praças criadas de 1970 até 2022, nesse período, foram criadas noventa e sete praças, nessa figura é possível perceber que vários loteamentos ainda permanecem sem nenhuma praça.



Fonte: Organização: Adriana Ap. de Andrade Cham (2024).

Figura 12. Distribuição espacial de praças em Ponta Grossa (1970-2024).

Pode-se compreender a expansão e desenvolvimento urbano de Ponta Grossa através da análise de Gomes (2009) e Nascimento (2011), que afirmam que esses processos ocorreram em formato tentacular, seguindo preferencialmente, mas não de forma determinante, os principais eixos estruturais da cidade (inicialmente a ferrovia e as vias de acesso entre o Centro e o restante do perímetro e ligações com cidades vizinhas), bem como é possível notar que houve o "aumento da ocupação urbana nas cabeceiras dos principais cursos d'água urbanos (arroios Pilão de Pedra, Olaria, do Padre, Ronda e Lajeadinho) todas nas proximidades da área central" (Nascimento, 2011, p. 85), além disso, houve uma contínua fragmentação e segregação socioespacial.

As atividades comerciais e bens de serviços localizavam-se no Centro, bem como as residências das classes sociais mais favorecidas ao seu redor, enquanto que a parcela da sociedade mais pobre fixou suas moradias nas áreas mais periféricas e de relevo com maior declividade, além da maior distância a ser percorrida para os deslocamentos até os locais de trabalho, de lazer ou ao centro comercial. Já as atividades econômicas de grande porte foram instaladas nas "áreas mais planas próximas às linhas de acesso à cidade e as rodovias foram destinadas aos usos industriais e comerciais" (Gomes, 2009, p. 129).

A breve descrição da criação dos loteamentos e conjuntos habitacionais de Ponta Grossa não é suficiente para compreender o desenvolvimento urbano da cidade, pois se trata de um fenômeno complexo. Entretanto, é possível afirmar que houve um crescimento populacional e extensão da malha urbana de forma desordenada em decorrência dos diversos agentes que ainda hoje influenciam na transformação do espaço urbano. Nota-se que o poder público deveria nortear ações para o desenvolvimento social de todas as classes sociais, entretanto, as pessoas de renda mais baixa foram alojadas em residências e núcleos habitacionais distantes do centro (local onde se desenvolvia o comércio e atividades culturais e de lazer), inicialmente sem saneamento básico, energia, ruas asfaltadas e transporte coletivo, além de equipamentos públicos de lazer como as praças. É possível perceber falhas no planejamento urbano de Ponta Grossa, e notar que as leis municipais referentes ao zoneamento privilegiaram o Centro da cidade, aumentando as atividades econômicas, sociais e culturais, privilégio que apenas a classe de renda média tinha acesso.

Terceiro momento histórico genético ou regressivo-progressivo: praças de Ponta Grossa ontem e hoje

A partir da busca das informações sobre o surgimento e criação das praças, é possível notar que suas localizações não acontecem ao acaso, mas não foram totalmente planejadas, até porque o desenvolvimento da cidade de Ponta Grossa não foi planejado, ela cresceu e se expandiu de forma desordenada, por isso em alguns bairros há mais praças e, em outros, há números menores, mesmo assim, elas estão estritamente ligadas ao desenvolvimento urbano da cidade Ponta Grossa e merecem um olhar atento do poder público.

Suas funções sociais são diversas, as primeiras praças surgiram ligadas a igrejas por ser até hoje fortes instituições em Ponta Grossa. Além disso, era nessas praças (Centro) que as pessoas, quando saíam do cineteatro, acabavam parando para conversar, trocar informações e até mesmo namorar.

Durante muitos anos existiam praças apenas no Centro, e esses locais serviam de lugares de lazer para uma parcela da sociedade, visto que vários loteamentos foram surgindo em locais mais distantes que tinham a função apenas de moradia. É só a partir de 1980, através do Projeto Cura[8], que bairros como o "Órfãs recebe uma série de melhorias", inclusive praças de lazer (Madalozzo; Souza, 2019, p. 434). A pergunta que não é possível responder nesse momento é: "em que lugares os moradores desses loteamentos podiam usufruir de momentos de lazer, sabendo que as praças não existiam próximas a suas residências"?

Um outro ponto que chama atenção na história do surgimento dessas praças é a sua utilização e disputa por vários grupos sociais, os "religiosos" frequentadores e membros das igrejas, os estudantes, os soldados, os comerciantes, as crianças e, mais tarde, como é o caso da praça Barão do Rio Branco, a disputa pelo espaço da classe trabalhadora e moradores em geral, que esperavam ali o embarque e desembarque do transporte coletivo[9].

Esses locais (Figura 13) fazem parte da memória individual e coletiva dos ponta-grossenses. Foram palco de eventos importantes como a comemoração do Centenário da Independência em 1922 (Praça Barão do Rio Branco); uma das praças foi ligada a um cemitério, como é o caso da praça Barão de Guaraúna; e atualmente, além da passagem de religiosos, é o local de encontro de passeatas e manifestações políticas. A praça Getúlio Vargas foi o local de abrigo de um zoológico onde existiam diversos animais selvagens, como leões e onças pintadas, fato que faz a praça ser conhecida até hoje como "Praça dos Bichos".

Fonte: Adriana Ap. de Andrade Cham (2023).

Figura 13. Compilado de imagens das praças Barão do Rio Branco e Getúlio Vargas.

Apesar das praças localizadas em bairros distantes do Centro surgirem em um período recente, também têm suas histórias[10]. Os moradores utilizam desses locais para usufruir de momentos de lazer em família, para se exercitar e cuidar da saúde, em razão da grande maioria delas possuir a instalação de academia ao ar livre, e é nesses espaços que muitos jovens desenvolvem habilidades esportivas, podendo utilizar as quadras de esportes em algumas delas sem nenhum custo. Sobre esse aspecto, um caso interessante é da praça BMX Green River (Figura 14), no bairro Neves, onde os atletas da comunidade, que vinham usufruindo desse espaço antes mesmo de ser identificado como praça pelo poder público, realizaram melhorias no local como a compactação do solo para a formação de três rampas de ciclismo com diferentes medidas.

A Secretaria Municipal do Meio Ambiente juntamente com a Secretaria do Esporte realizou a limpeza do terreno, a colocação de pedras britas para instalação da pista de

caminhada, a implantação de bancos, o plantio de gramado, arbustos e mudas de árvores e também realizou o cerco das rampas com pneus para proteção dos atletas.

Fonte: Adriana Ap. de Andrade Cham (2023).

Figura 14. Praça BMX Green River no bairro Neves.

A praça Marechal Floriano Peixoto, que marca o início da urbanização de Ponta Grossa, é a primeira a ser tombada pelo Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (COMPAC), com a intenção de preservar características históricas e a memória da cidade através de vários monumentos presentes por todo o local, como o monumento em homenagem aos fundadores, monumento à bíblia e o monumento do sesquicentenário. Fato é que essa praça foi parar no topo das manchetes de diversos jornais no fim do ano de 2022 e início de 2023 em razão de um grupo específico de pessoas que se apropriaram do local para atingir um objetivo em nível nacional: um golpe de estado.

Logo após as eleições presidenciais, na primeira semana de novembro de 2022, um grupo de pessoas apoiadoras do presidenciável não eleito Jair Messias Bolsonaro, ocuparam a praça Marechal Floriano Peixoto para pedir a anulação da eleição em que Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito democraticamente para o cargo de Presidente da República. Essas pessoas se instalaram com barracas e lonas amarradas nas árvores e fincadas ao chão, levaram comida, bandeiras e faixas pedindo desde intervenção federal até novas eleições e instalaram banheiros químicos ao redor e sobre o gramado da praça.

Durante o período de acampamento, realizaram orações diárias em frente à 5º Brigada de Cavalaria Blindada, que fica na rua ao lado da praça (Rua Sant'Ana), até um casamento entre os membros do movimento foi realizado no acampamento e noticiado por jornais de todo o país (Correio Braziliense, 2022). A ocupação dessa praça por esse grupo de pessoas,

além de ser uma ação antidemocrática, ocasionou diversos problemas para a cidade. Alguns moradores reclamaram do barulho dos carros de som, do congestionamento de trânsito causado pelo fechamento das ruas ao redor da praça, houve um episódio de agressão a um funcionário da Pró-reitora de Extensão e Assuntos Culturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Proex/UEPG), que tentava fotografar um desentendimento que ocorria na praça no momento e teve sua camisa rasgada pelos ocupantes (Jagnow, 2022), e ainda, o Festival Nacional de Teatro (FENATA)[11] teve uma das apresentações com mudança repentina de local que aconteceria na praça no dia 10 de novembro de 2022 e, por causa do acampamento, teve que ocorrer na Biblioteca Pública Municipal.

Durante todo o período de acampamento, pessoas de vários segmentos da sociedade questionavam-se sobre a legitimidade da "manifestação", que se dizia "democrática" pelos "manifestantes". Vereadores (Josi do Coletivo PSOL e Dr Erick do PSDB) de Ponta Grossa exigiram explicações da prefeitura referente à utilização e cerceamento da praça, bem como a Secretaria Municipal de Cultura pediu que fossem tomadas providências pois se tratava de um espaço tombado como patrimônio cultural. Diferentemente dos vereadores, o padre Antônio Ivan de Campos, pároco da Catedral Sant'Ana (Igreja ligada à praça), afirmou que a manifestação era um direito constitucional, mas pediu que os atos não fossem conflitantes com as celebrações religiosas (Natal, 2022).

Esse grupo de pessoas, além de realizarem manifestações antidemocráticas, cercearam o acesso a uma das principais praças da cidade, usaram um espaço público para uso privado, quem fosse contrário aos pedidos que o grupo ali fazia era impedido de frequentar o local e, muitas vezes, até rechaçado. É espantoso perceber que o poder público local não tomou nenhuma atitude para desmantelar o acampamento e livrar a praça, mesmo com pedidos de vereadores e da Secretaria Municipal de Cultura, a desocupação só ocorreu no dia 1 de janeiro de 2023, logo após a posse do presidente Lula. Além disso, a prefeitura não identificou os responsáveis pelos danos causados na praça, mesmo havendo diversos vídeos e imagens nas redes sociais dos envolvidos.

A Secretaria do Meio Ambiente, com verba pública, revitalizou a praça e custou aos cofres públicos cerca de cinquenta mil reais para os reparos (aRede, 2022). O compilado de imagens a seguir demonstra como era a praça antes e depois da ocupação, conforme Figura 15.

Fonte: Adriana Ap. de Andrade Cham (2023).

Figura 15. Compilado de imagens da Praça Marechal Floriano Peixoto.

Por fim, percebe-se que o poder público vem, atualmente, buscando realizar mais atividades em espaços públicos, entre eles as praças, com apresentações culturais e eventos socioeconômicos, entretanto, ainda são ações direcionadas ao Centro, em razão de ser esse o bairro com as praças melhores equipadas, o que propicia o fortalecimento do Centro em descompasso com a periferia. Além disso, é preciso que haja melhor distribuição desses espaços pelos bairros, bem como a fiscalização, acompanhamento e manutenção dos mesmos, para que não se tornem locais de tráfico de drogas, prostituição e acúmulo de lixo, e de acordo com Barros e Virgílio (2003, p. 537) "é de extrema importância que o planejamento urbano se preocupe em destinar áreas para praças, igualitariamente em todo perímetro urbano, democratizando os benefícios proporcionados por elas".

É possível notar que alguns dos usos das praças permanecem, como o lazer e a sociabilidade, entretanto, atualmente algumas das praças tornaram-se motivo de preocupação da sociedade por questões de segurança, como é o caso da praça Barão do Rio Branco, que se tornou ponto de consumo e venda de drogas e prostituição. Essas praças também se tornaram local de moradia e distribuição de alimentos a pessoas sem-teto, bem como locais de vários animais abandonados. As praças também são espaços de vendas de diversas mercadorias de vendedores ambulantes e artesãos. Enfim, são múltiplos usos ou múltiplos territórios de apropriação de diversas categorias e/ou agentes.

Se inicialmente elas foram criadas junto a igrejas, na atualidade encontram-se próximas a instituições de ensino como CMEIs e escolas. Antes projetadas em conformidade

com os aspectos que davam ar de modernidade a cidade, agora há a preocupação com a arborização urbana. A discrepância e desigualdade no número e na qualidade das praças dos bairros em relação ao Centro é um fato que permanecerá, visto que as praças no Centro têm fiscalização diária, as praças nos bairros só são revitalizadas quando estão em estado crítico ou em datas comemorativas referentes ao município (como foi o caso da comemoração de 200 anos de Ponta Grossa).

A nomeação das praças pelo poder público é algo que precisa ser revisto. Muitas vezes locais como rotatórias, canteiros ou trevos são decretadas como praças, entretanto, estas não cumprem seu papel social visto que não são equipadas e de difícil acesso por se tratar de locais de grande movimento de veículos.

É preciso que o poder público local realize constantemente pesquisas de opinião junto aos moradores buscando saber se esses espaços estão atendendo as demandas de cada bairro, pois a maioria das praças distribuídas por Ponta Grossa seguem um padrão: aparelhos de academia de idosos, balanços e campo de futebol *society*, equipamentos que acabam deteriorados com o tempo. Além disso, o poder público por meio das diversas secretarias poderia utilizar esses espaços para além das atividades físicas como espaços de acesso à arte e à cultura, através dos editais culturais promover a descentralização cultural tão presente no município.

Considerações finais

As praças são importantes espaços públicos em Ponta Grossa, fazem parte da sua paisagem urbana e são referências de acontecimentos por diversas classes sociais. Ao longo de sua existência de 200 anos, as praças dessa cidade abrigaram diferentes formas de ocupações, ora legítimas e ora ilegítimas.

O método regressivo-progressivo de Lefebvre possibilitou uma análise dos fatores sociais, culturais e físicos das praças em Ponta Grossa. O caminho proposto nesse método, "ida e volta", do presente para o passado, por meio de relações entre eles, demonstrou que as praças de Ponta Grossa são importantes espaços urbanos para a sociedade, seja para o lazer, para manifestações políticas, para a preservação da memória local e/ou para o embelezamento da paisagem urbana da cidade. Porém, até os anos 1980, não tiveram o devido reconhecimento pelo poder público, criaram e preservaram poucos desses equipamentos urbanos, praças públicas, e muitos deles próximos ao Centro.

Além disso, a partir da aplicação do método, é possível notar que a distribuição espacial das praças ocorre de forma desigual, assim como o desenvolvimento urbano da cidade, o que contribui para um espaço urbano segregador. Ainda, é possível afirmar que um dos objetivos do Plano Diretor não vem sendo cumprido pelo poder público, que seria promover a distribuição desses equipamentos urbanos por todas as áreas de Ponta Grossa, e, com a falta desses espaços livres e públicos como as praças, um dos princípios do mesmo plano não é efetivo para todos os moradores, que seria o lazer.

A partir das figuras apresentadas das praças podemos afirmar que representam espaços modificados ao longo do tempo. São paisagens, pretérita e presente, cujo elementos históricos da sociedade estão representados. As praças são espaços dinâmicos que mudam juntamente com a sociedade, por isso, pouco importa o modelo ou forma de praça.

Esses lugares concentram significações e são densos de sentidos, simbolizam a cidade e são formas excepcionais na construção de suas imagens, são veículos privilegiados de comunicação social e atraem um número significativo de cidadãos.

Afirma-se que a população só utiliza as praças públicas quando essas estão em boas condições, seja em segurança, em estrutura e revelam a pluralidade cultural e vitalidade da cidade. Nesse sentido, é importante o papel do poder público, o de manutenção desses espaços, e não utilizar apenas como moeda de troca ou capital político para fins eleitorais. O poder público é o detentor dos interesses coletivos e dessa forma deve cumprir esse ideal de coletividade com planos e ações para atender mudanças, na produção de equipamentos, infraestrutura e atividades em relação à diversidade de público e usuários.

Ainda que não tratado neste capítulo as mudanças climáticas, fica o alerta de que em breve haverá necessidade de intervenção dos espaços públicos para a adequação que os efeitos climáticos exigirão, seja do ponto vista da acessibilidade como também do uso dos equipamentos e dos riscos à saúde humana.

Notas

3 O Tropeirismo consistiu no transporte de muares de suas áreas de criação no Rio Grande do Sul, para serem comercializados na feira de muares que era realizada na cidade de Sorocaba (SP). Ao longo do caminho percorrido pelas tropas, surgiram diversos núcleos de povoamento, especialmente nos locais onde os tropeiros paravam para pernoitar e para fazer a engorda do gado (Nascimento, 2011, p. 75).

4 Santa padroeira de Ponta Grossa.

5 São elas: praça Barão de Guaraúna (Centro), Praça Santo Mauro (Chapada), Simón Bolívar (Oficinas), Urbano Caldeira (Rio Verde), Bom Jesus (Uvaranas) e Gilson Luís Nunes (Contorno).

6 Conforme a fonte, Acervo da Casa da Memória de Ponta Grossa as imagens não possuem datação. Porém, evidencia-se um tempo passado.

7 Nessa imagem aparece a construção do prédio da UEPG, local onde está situada a Praça Santos Andrade, única imagem encontrada que remete a um período inicial do local em questão.

8 Vinculado ao Banco Nacional de Habitação (BNH), seu intuito era de proporcionar a valorização e ocupação de áreas ociosas de infraestrutura e equipamentos urbanos.

9 Nessa praça, havia o embarque e desembarque de passageiros do transporte coletivo na cidade, o chamado "Ponto Azul", que leva esse nome por ser um prédio azul de dois pavimentos.

10 O local onde atualmente encontra-se a praça do Jardim Canãa (Bairro Contorno), por

muitos anos, foi uma plantação de soja e no meio havia uma espécie de lagoa, em que muitos moradores locais acreditavam ter ocorrido alguns afogamentos, inclusive de crianças.

11 Disponível em: <https: https://www2.uepg.br/fenata/muda-local/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

Referências

BARROS, M. V. F. VIRGÍLIO, H. Praças: espaços verdes na cidade de Londrina. **Revista Geografia**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 533-544, 2003. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/atlasrml/publicacoes/periodicos/6713-24456-1-PB_londrina.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

BARROS, S. F. de S. O método regressivo-progressivo como possibilidade para estudos das cidades médias. **Revista Cerrados** [S. l.], v. 16, n. 02, p. 110–125, 2018. DOI: 10.22238/rc24482692201816021101 25. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/1209>. Acesso em: 04 abr. 2023.

BOHATCH, T. L. **Os arroios no processo de urbanização de Ponta Grossa - PR (1900-1950).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UEPG. Ponta Grossa, 2017. 118 f.

CALDEIRA, J. M. **A Praça Brasileira Trajetória de um Espaço Urbano:** origem e modernidade. Doutorado em História. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilia/trabalhos/OCR_CALDEIRA.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

CHAMMA, G. V. F. **Ponta Grossa. O povo, a cidade e o poder**. Ponta Grossa, Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1988.

CHAVES, N. B. A "cidade civilizada": cultura, lazer e sociabilidade em Ponta Grossa no início do século XX. *In*: DITZEL, Carmencita de Holleben Mello; SAHR, Cicilian Luiza Löwen. (Org.). **Espaço e Cultura**. Ponta Grossa: UEPG, 2001

CORREA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CORREIO BRASILIENSE. Casal se casa em ato antidemocrático em frente a QG no PR: "Compromisso". **Correio Braziliense**, Ponta Grossa, 8 dez. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/12/5057720-casal-se-casa-em-ato-antidemocratico-em-frente-a-qg-no-pr-compromisso.html>. Acesso em: 11 abr. 2023.

CULTURAL, Conexão. **Guia do espaço público**. 2. ed. Proac SP, São Paulo, 2016.

DIZERÓ, J. D. **Praças do Interior Paulista**: Estudos de casos nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto / SP. Mestrado em Urbanismo pela Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2006. Disponível em: https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16192. Acesso em: 04 abr. 2023.

EURICH, Z. R. dos S. **Índice de qualidade de praças:** uma proposta metodológica. Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2018.

Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2739>. Acesso em: 04 abr. 2023.

FERNANDES, R. Henri Lefebvre, decifrador do espaço: pequena apresentação bio-bibliográfica. **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 16, n. 2, ago./2022, p. 31 – 46. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/72076>. Acesso em 25 de abril de 2023.

GOMES, E. M. **Evolução urbana de Ponta Grossa – PR**: uma análise entre as décadas de 1960 e 2000. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93171>. Acesso em: 04 abr. 2023.

GOMES, M. R. **As praças públicas de Natal-RN no âmbito dos problemas socioambientais urbanos**. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/18936>. Acesso em: 04 abr. 2023.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade**.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

GUILHERME, E. F. da S. Epistemologia da produção do espaço Lefebvriano. **Revista Desafios**, v.04, n.03, 2017. Disponível em: <https://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/3386>. Acesso em: 04 abr. 2023.

GUILHERME, E. F. da S. Epistemologia da produção do espaço Lefebvriano. **Revista Desafios** – v. 04, n. 03, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2023:** Brasil em síntese. Ponta Grossa. PR: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/panorama>. Acesso em: 16 de novembro de 2023.

IPARDES. **O Paraná reinventado:** política e governo. Curitiba: Ipardes,2004.

JAGNOW, N. **Funcionário da UEPG relata agressão em praça**; bolsonaristas negam. aRede, Ponta Grossa, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://arede.info/ponta-grossa/451015/funcionario-da-uepg-relata-agressao-em-praca-bolsonaristas-negam?d=1>. Acesso em: 11 abr. 2023.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4 éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão, 2006. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MADALOZZO, N; SOUZA, E. B. C. de. Rios e Ferrovias nas dinâmicas urbanas em Ponta Grossa - Paraná/Brasil. **Ciência Geográfica** - Bauru. v. 23, n. 2, 2019. Disponível em: <https://agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIII_2/agb_xxiii_2_web/agb_xxiii_2-06.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MARTINS, J. de S. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. *In*: Martins, José de Souza. (Org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética.** São Paulo: Hucitec, 1996.

MONASTIRSKY, L. B. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. In. DITZEL,

Carmencita de Holleben Mello; SAHR, Cicilian Luiz Lowen. **Espaço e Cultura:** Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001, p.37-52.

NASCIMENTO, E. Expansão urbana e desigualdade socioespacial: uma análise da cidade de Ponta Grossa (PR). **RA´E GA** 23, 2011, p. 65-97.

NASCIMENTO, E. Produção de uma Topografia Social Urbana. **Mercator,** v. 11, n. 26, p. 75-94, out. 2012. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/798>. Acesso em: 04 abr. 2023.

NATAL, J. **UEPG muda local de apresentação do Teatro de Rua do Fenata**. UEPG, 08 nov. 2022. Disponível em: <https://www2.uepg.br/fenata/muda-local/>. Acesso em: 11 abr. 2023.

PONTA GROSSA, Prefeitura Municipal de. **Turismo**. Ponta Grossa-PR, 2007.

PONTA GROSSA. **Plano Diretor de Ponta Grossa, 2022**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1a7DcFealYtISvAuLMwFuOIbe9LfuCWzA/view>. Acesso em: 04 abr. 2023.

A REDE. **Prefeitura inicia replantio da grama na Praça da Catedral**. aRede, Ponta Grossa, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://arede.info/ponta-grossa/455319/prefeitura-inicia-replantio-da-grama-na-praca-da-catedral?d=1>. Acesso em: 11 abr. 2023.

ROBBA, F; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

SAHR, C. L. L. Estrutura interna e dinâmica social na cidade de Ponta Grossa. *In*: DITZEL, Carmencita de Holleben Mello; SAHR, Cicilian Luiza Löwen. CANÇADO; Adriana. **Espaço e Cultura**: Ponta Grossa e Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p.13-36.

SAHR, C. L. L. CANÇADO, A. **Espaço e Cultura:** Ponta Grossa e Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001, p.65-79.

SCHEFFER, S. M; KACHAUKJE, S. O método regressivo-progressivo de Lefebvre para investigar a produção de habitação social sobre o espaço em Ponta Grossa-PR. **Revista Emancipação**, v. 18, n. 1, p. 63-82, jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/11028>. Acesso em: 04 abr. 2023.

SERPA, A. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online***)*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 21-37, 2004. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.123865. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123865>. Acesso em: 04 abr. 2023.

SOUSA, R. O. de; OLIVEIRA, C. E. de. A praça como lugar da diversidade cultural. *In*: IV Fórum de Educação e Diversidade: diferentes, (des) iguais e desconectados, 4. 2010. **Anais**[...]. Tangará da Serra: UFMT, 2010. p. 1-11, 2010. Disponível em: <http://need.unemat.br/4_forum/artigos/rafael.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.